

V Seminário Discente do PPGS- USP

GT 2 – Cultura, arte, intelectuais e pensamento social

Perry Anderson, entre a razão e a vontade

Giovanna Henrique Marcelino
Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2019

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho será abordar, de maneira introdutória e panorâmica, a trajetória do historiador marxista Perry Anderson, tendo como parâmetro principal duas dimensões básicas de sua obra: a relação entre trabalho teórico e prática editorial. O enfoque será, portanto, analisar a articulação entre o trabalho de Anderson como historiador do marxismo e seu ofício como editor da revista *New Left Review*, de forma a considerar aquilo que constitui tanto um traço distintivo, quanto objeto de debate entre os que se afiliam a esta corrente: a relação entre teoria e prática. Para tanto, pretende-se reconstruir suas intervenções em relação ao *marxismo britânico*, ao *marxismo continental europeu* e ao *marxismo norte-americano*, respectivamente, entendendo que cada uma delas corresponde a um momento da obra do autor, bem como de suas avaliações sobre o desenvolvimento histórico do marxismo (que culminaram, em particular, em sua tese presente em *Considerações sobre o marxismo ocidental* e *Nas trilhas do materialismo histórico*). Com isso, pretende-se explorar tanto as especificidades da obra de Anderson, quanto de que forma ela pode ser compreendida como um exemplar das reconfigurações do marxismo a partir de meados do século XX, cuja produção de conhecimento e atuação, em contraste com o marxismo clássico, passou a se dar com mais força nas universidades e revistas acadêmicas, que assumiram um papel proeminente na conformação e determinação social e cultural desta tradição.

Palavras-chave: Perry Anderson; New Left Review; marxismo ocidental; teoria e prática.

A Nova Esquerda britânica e o surgimento da *New Left Review*

Perry Anderson é uma figura proeminente do marxismo contemporâneo. Isso se deve, primeiramente, à importância de sua obra teórica, que nas últimas décadas contribuiu para o desenvolvimento da tradição marxista no mundo anglófono, por meio de trabalhos que abarcam de estudos sobre as estruturas do capitalismo à historiografia das ideias. Em segundo lugar, devido à sua atuação na revista *New Left Review*, amplamente considerada um dos mais influentes meios de publicação e difusão

internacional da produção marxista, reunindo há quase sessenta anos publicações dos mais importantes pensadores desta tradição.

Sua atuação como historiador e editor está calcada numa série de ponderações a respeito dos princípios científicos e pretensões políticas do marxismo. Como exposto em *Nas trilhas do materialismo histórico* (1983), na visão do autor, um dos traços distintivos desta tradição, que lhe confere posição singular entre as diferentes vertentes de pensamento crítico, reside em seu duplo movimento de empenhar uma *crítica da sociedade* simultaneamente a uma *autocrítica*, isto é, no fato de, desde o início, o marxismo ter se constituído como “uma teoria da história que, ao mesmo tempo, reivindica fazer uma história da teoria” (Anderson, 2004, p. 147). A partir do momento em que Marx e Engels “definiram as condições de suas próprias descobertas intelectuais como a emergência das determinadas contradições de classe da sociedade capitalista, e seus objetivos políticos não apenas como ‘um estado ideal de coisas’, mas como produzido pelo ‘movimento real das coisas’”, um *marxismo do marxismo*, ou ainda, a postura reflexiva sobre seu próprio desenvolvimento, tornou-se uma precondição essencial (Ibidem, p. 147). E, em decorrência do caráter desta autocompreensão crítica, que une pensamento e história, o marxismo também se constituiu ao longo de sua existência como uma *crítica do presente histórico*, de forma que a interpretação de seus textos se torna, ao mesmo tempo, uma interpretação da realidade social em que estão inseridos.¹

O trabalho intelectual de Anderson está fortemente alicerçado neste movimento de apreensão da história *intrínseca* e *extrínseca* do marxismo. Ao mesmo tempo, ele é passível de ser aplicado à sua própria obra, já que esta pode igualmente ser lida como um testemunho de um período histórico e como uma crítica do marxismo, algo visível de imediato na relação dialética que suas posições teóricas e políticas possuem com

¹ Como apontam Isabel Loureiro e Ricardo Musse (1998, p. 9), as ideias e assuntos discutidos pelo conjunto de autores do marxismo ocidental, por exemplo, devem ser interpretadas tanto no âmbito da história da filosofia, quanto da filosofia da história, já que elas também projetam uma representação do “breve século XX”, da “dinâmica da sucessão de crise e guerra na primeira metade do século à estabilização do capitalismo num mundo tripartido em um núcleo orgânico regido pelo Estado do bem-estar social, um segundo mundo apenas nominalmente “comunista” e uma periferia entregue a insuficientes políticas desenvolvimentistas; da derrota das tentativas revolucionárias na Europa industrializada nos anos 20 à integração do proletariado, em parte com o auxílio da socialdemocracia do pós-guerra; do proletariado organizado em classe (e em partidos independentes) à política de minorias pós-68; da possibilidade ou não de uma arte engajada e da subjugação da arte e da cultura autônomas às leis do mercado; do lugar da ciência e da filosofia no marxismo e nesse novo tempo em que o desenvolvimento das forças produtivas não parece mais entravado pelas perversas relações sociais ainda vigentes”.

sucessivas mudanças na conjuntura a partir dos anos 1960, momento específico da esquerda europeia em que o autor propriamente inicia sua trajetória.

O quadro inicial em que se destaca a produção de Anderson é a do *marxismo britânico* que se desenvolvia sob o ambiente intelectual e político do pós-guerra. Um dos episódios centrais deste período foi a formação do movimento da *New Left* (“Nova Esquerda”). Como afirma Maria Elisa Cevalco (1998, p. 146), esta contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do marxismo na Inglaterra, “estabelecendo uma *intelligentsia* radical no seio de uma das mais conservadoras sociedades da Europa”. Ela emergiu como uma resposta à profunda crise de representação e às frustrações perante as tradições dominantes da vida política britânica – na época representadas pelo Partido Trabalhista e o Partido Comunista inglês –, bem como à uma série de eventos iniciados em 1956 – como o discurso secreto de Krushev ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética detalhando as atrocidades do stalinismo, a invasão soviética na Hungria, a expedição militar anglo-francesa ao canal de Suez. A insatisfação gerada por esses processos abriu espaço para o crescimento de visões dissidentes e de uma esquerda independente que se pretendia terceira via em relação à socialdemocracia e ao stalinismo, fomentando a formação de uma nova geração de ativistas e intelectuais que passaram a se aglutinar em torno de novos movimentos e campanhas políticas, como pelo desarmamento nuclear, a favor da luta pacifista, etc. (Blackledge, 2004, p. 1; Kenny, 1995, pp. 4-5; 14-15).²

Este processo de constituição de uma Nova Esquerda na Inglaterra resultou, por sua vez, no aumento da audiência e interesse pela tradição marxista no país e, conseqüentemente, no crescimento de sua produção intelectual, já que, até a década de 1970, ela ocupava uma posição marginal na cultura intelectual anglo-saxã, resguardando-se sobretudo no trabalho e papel desempenhado por historiadores como Christopher Hill, Eric Hobsbawm, E. P. Thompson. Entre as iniciativas que atuaram como polo de atração e organização nesse sentido, representando os sinais mais palpáveis e duradouros do novo espaço criado no cenário político britânico, estava a *New Left Review* (1960 –), que consolidou-se como um dos principais meios de

² Nas palavras de Hobsbawm (1989, p. 21), “A partir de 1956, começa um período em que a maior parte dos marxistas foi obrigada a concluir que os regimes socialistas existentes – desde a URSS ou Cuba até o Vietnã – estavam distantes daquilo que se desejava fosse uma sociedade socialista ou uma sociedade no caminho da construção do socialismo”.

publicação e propagação do pensamento marxista, podendo ser interpretada também como um registro histórico dos debates travados pela Nova Esquerda e de suas permutações ao longo dos anos (Wood, 1995, p. 24).

Fundada no apogeu dos movimentos iniciados em 1956 a partir da fusão de duas outras publicações – a *New Reasoner* e *Universities and Left Review* –, a revista foi concebida inicialmente para servir de base institucional estável àquele amplo movimento que se organizava em torno das iniciativas empenhadas pela Nova Esquerda britânica, como os clubes de esquerda e as campanhas políticas (Kenny, 1995, p. 23).³ Neste primeiro momento – conhecido como o da “primeira geração da *New Left*” –, o sociólogo Stuart Hall foi nomeado editor-chefe, junto à uma equipe editorial composta por outras figuras influentes, que representavam diferentes posições dentro do espectro ideológico da esquerda britânica: Edward Thompson, Raymond Williams, John Saville, Ralph Miliband, John Rex, Michael Barratt Brown, Peter Worsley, Charles Taylor, Raphael Samuel, Jean McCrindle.⁴

O processo de fusão que levou a constituição da *New Left Review*, não foi, entretanto, fácil, e logo mostrou sinais de fratura. Devido a questões endógenas e exógenas – como conflitos e cisões internas, discordâncias sobre a identidade da revista (deveria ser um movimento de pessoas ou de ideias?), problemas organizacionais e financeiros, somado às incertezas sobre a própria direção política que as iniciativas encabeçadas pela Nova Esquerda estavam tomando –, o projeto inicial entrou num processo de desintegração em 1962. Nesse momento, houve um rompimento da equipe que compunha a revista, com a renúncia de Hall do cargo de editor-chefe após a edição n. 12 e a proposta de um novo conselho editorial, que desembocaria no formato pelo qual a revista passou a ser conhecida internacionalmente (Blackledge, 2004, p. 14; Wood, 1995, 25). Nesta nova configuração, inserida no que se convencionou chamar de

³ Como relata Ellen Wood (1995, p. 24), “Em 1959, a *New Reasoner*, fundada pelos dissidentes comunistas John Saville e E.P. Thompson em 1956-7, junto a Ralph Miliband, que nunca foi membro do Partido, se fundiu com a *Universities and Left Review*, criada em 1957 por um grupo de jovens radicais de Oxbridge, notavelmente Stuart Hall, Charles Taylor e Raphael Samuel. O fruto desta união foi a *New Left Review*”.

⁴ Como nota Cevasco (1998, p. 146), “a *New Left* estava longe de ser homogênea: sob seu arco se encontravam ‘comunistas dissidentes’, com fortes ligações com a política e cultura das classes trabalhadoras, ‘socialistas independentes’ – intelectuais que continuavam a tradição marxista dos anos 30 nas duas universidades mais tradicionais da Inglaterra –, e marxistas ‘teóricos’- jovens intelectuais inspirados pelo internacionalismo clássico de correntes marxistas ‘continentais’”. Cf. também Chun (1994, p. 17). As dificuldades em torno dessa coexistência entre tradições e das diferenças geracionais logo se expressaria na polêmica acalorada entre Thompson e Anderson, presente nos livros *A miséria da teoria* (1978) e *Arguments within English Marxism* (1980).

“segunda geração da *New Left*”, Perry Anderson, na época um jovem de apenas vinte e dois anos de idade recém-egresso da universidade, assume o controle da revista, após a boa recepção das contribuições que havia escrito para os primeiros números da revista ainda como estudante de graduação em Oxford (Kenny, 1995, p. 29).

Anderson e o papel do intelectual marxista

O trabalho editorial levado a cabo por Anderson a partir de 1962 marcou a história posterior da *New Left Review*, e é por ela que o autor inicia propriamente sua intervenção no contexto de rearticulação do marxismo britânico. Seu maior desafio à época foi, sem dúvida, o de reverter a situação de crise em que se encontrava a revista. A principal política editorial implementada por Anderson foi tentar enriquecer a cultura de esquerda na Inglaterra com a publicação de estudos marxistas de outros países da Europa, buscando superar o que diagnosticava como uma das principais insuficiências da tradição local: a falta de intercâmbio e o isolamento nacional da tradição marxista britânica. Sua proposta de iniciar a divulgação de estudos comparativos de países avançados pela revista era, então, uma tentativa de remediar essa deficiência, além de aprofundar a “compreensão da estrutura fundamental do capitalismo explorando todas as suas possibilidades contingentes (...) para perceber (...) a natureza específica da sociedade britânica hoje” (*New Left Review*, 1963, p. 1).⁵ Com efeito, seu plano passou a ser o de diversificar e internacionalizar o caráter da revista, sob o diagnóstico de que o trabalho teórico deveria ser encarado como o principal desafio da Nova Esquerda, já que a “miséria da teoria” estava minando o socialismo inglês e as tentativas de implementar uma intervenção estratégica coerente no cenário político do país (Kenny, 1995, p. 31).

Assim, uma das preocupações centrais de Anderson – seguindo o legado deixado pelos componentes da primeira geração da *New Left*, ao lado de outros colegas de sua geração – passou a ser a de diminuir a defasagem existente entre o *marxismo continental* e a produção ainda incipiente do marxismo britânico. Desse modo, sob a direção de Anderson, a *New Left Review* começou a introduzir a obra de autores como Lukács, Korsch, Gramsci, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Della Volpe, Colletti, Sartre e Althusser, tornando-se uma das principais fontes de contato dos britânicos com o marxismo europeu no pós-guerra, por meio de traduções e publicações regulares nas

⁵ Em outro texto, Anderson (1966b, 31-32) justifica sua intenção de buscar referências internacionais, uma vez que “na Grã-Bretanha... nunca houve um pensamento marxista coerente”.

edições da revista e de sua editora (Blackledge, 2004, p. x). Este projeto internacionalista e comparativo de Anderson, por sua vez, também tinha embasamento em sua própria produção teórica, algo expresso, por exemplo, em seus artigos sobre Cuba, Suécia, Portugal, além de importantes ensaios em que analisou a realidade britânica da época, cada um visando extrair elementos e conclusões políticas para enriquecer o programa e a visão estratégica da esquerda socialista na Inglaterra.⁶ Neles, é possível também identificar a influência de Gramsci, Sartre e Lukács, e a forma como Anderson aplica conceitos destes autores em suas análises.⁷

Com o processo de radicalização política no final dos anos 1960 e a atmosfera geral de contestação por ele criada na Grã-Bretanha e no mundo, a posição de Anderson em relação ao marxismo ocidental, no entanto, mudou consideravelmente, tornando-se cada vez mais contraditória. Os eventos de maio de 1968 foram um ponto de viragem nesse sentido. O contexto de crescimento do movimento estudantil e a retomada do movimento operário na agenda da esquerda europeia levaram Anderson gradualmente a um processo de rejeição do que ele chamou de “pessimismo” constitutivo desta tradição, ou ainda, de que o sentido geral da obra dos autores que a compunha não correspondia mais ao novo momento de efervescência social e política que tomava diversos países pelo mundo, tese que iria desenvolver com mais fôlego nos anos 1970, em seu *Considerações sobre o marxismo ocidental* (2004), livro que marca o deslocamento do autor para a interpretação trotskista e sua autocompreensão como um revolucionário convicto. Nele, Anderson chega a prognosticar, no calor dos acontecimentos, o encerramento desta linhagem enquanto forma histórica do marxismo, apostando em uma possível reunificação da teoria marxista com a prática e as discussões estratégicas sobre a superação do Estado capitalista (típica entre os integrantes de sua tradição clássica) e que uma nova geração de “marxistas estrategistas” iria, portanto, substituir a dos “marxistas filósofos” (Anderson, 2004, p. 121).

⁶ O desenvolvimento de tais temas se encontra nos ensaios: *Cuba, free territory of America* (1960), *Cuba: the present reality* (1961), *Sweeden: Mr. Crosland's Dreamland I, II, III* (1961/1962), *Portugal and the End of Ultra-Colonialism I, II, III* (1962), *Origins of the present crisis* (1964) e *Socialism and Pseudo-Empiricism* (1966).

⁷ Para Anderson (1992a, p. 3), Gramsci era um modelo, por ter sido o primeiro marxista a traçar as formas e características peculiares da sociedade capitalista em termos nacionais, bem como o primeiro a reconhecer a necessidade de uma estratégia específica no mundo ocidental industrializado após o advento do sufrágio universal. Cf. também Anderson (1976). Além dos autores acima citados, Raymond Williams e Isaac Deutscher também foram importantes influências nesta primeira fase de sua trajetória intelectual, através dos quais Anderson incorporou a importância da cultura e a necessidade de uma revisão do marxismo clássico.

Esta crítica de Anderson ao marxismo ocidental esteve inicialmente baseada num dos pontos de discussão sobre os rumos da Nova Esquerda na Inglaterra: o papel do intelectual marxista (Musse, 2002). Para Anderson, os intelectuais teriam grande importância para o projeto socialista, a exemplo do papel notável que cumpriram na França (como Sartre, Althusser, etc.), ao terem fomentado uma cultura política de esquerda imprescindível para que a explosão das lutas sociais se tornasse possível naquele país. Assim, os intelectuais seriam, segundo Anderson, um elemento necessário para a formação de uma cultura socialista, indispensável para a sustentação de uma prática socialista, algo que deveria servir de modelo para o caso inglês, tendo em vista a natureza conservadora da cultura britânica, alicerçada sobretudo nas universidades. Como descreve em *Components of the national culture* (1968):

A Grã-Bretanha, a mais conservadora entre as grandes sociedades da Europa, tem no momento uma cultura à sua imagem e semelhança: medíocre e inerte, em qualquer contexto mais amplo (...) Uma política capaz de superar o capital somente poderia surgir a partir de uma cultura capaz de contestar frontalmente sua ascendência intelectual e de apresentar alternativas efetivas. Basta mencionar isso para se lembrar de que na Grã-Bretanha não há, no momento, nenhum sinal deste tipo de luta” (Anderson, 1992a, p. 49).

Ou seja, ao constatar que o sistema de ensino superior inglês como o centro da cultura reacionária britânica, Anderson defende que o desenvolvimento de uma cultura socialista é uma condição necessária para a prática socialista, um diagnóstico que reforçaria a importância dos intelectuais e do fortalecimento de uma *intelligentsia* de esquerda no contexto inglês. Além disso, o objetivo de buscar elementos que guiassem as coordenadas para a ação no contexto político europeu o levou a se debruçar sobre a questão do Estado, empenho representado em importantes estudos sobre a história de seu desenvolvimento na Europa da antiguidade clássica à época das revoluções burguesas, como expresso nos livros *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo* e *Linhagens do Estado Absolutista*, ambos publicados em 1974.

Do otimismo da vontade ao pessimismo da razão

O otimismo da vontade que caracterizou o projeto teórico e político de Anderson no final dos anos 1960 e 1970 transformou-se, entretanto, durante a década seguinte, na medida em que a maioria dos elementos que compunham o ambiente histórico ao qual o

autor aludia – como as forças sociais de Maio de 1968 e a “Revolução dos Cravos” em Portugal – retraíram-se, dando lugar à crise do comunismo, à estabilização do capitalismo, à ascensão de ideias pós-marxistas entre os acadêmicos de esquerda, ao colapso do socialismo real e o surgimento do neoliberalismo (tendo na chegada de Margaret Thatcher e Ronald Reagan ao poder um de seus eventos mais simbólicos). Ou seja, a perspectiva que serviu fundamentalmente de base para sua crítica ao marxismo ocidental – a conjuntura de ascenso revolucionário – se enfraqueceu, já que houve uma espécie de retorno às próprias condições de derrota e refluxo que justificaram anteriormente a relevância desta linhagem enquanto uma forma de manter acesa a tradição marxista no período entreguerras. Assim, na verdade observa-se, neste contexto, como o próprio Anderson passa a reproduzir em sua obra subsequente as características que antes imputava de maneira crítica aos pensadores do marxismo ocidental, a exemplo dos temas que passa a trabalhar e a forma ensaística em que os expõe. Outra maneira pela qual esta mudança se manifestou foi a postura de resignação que Anderson passou a ter, de modo a expressar mais fortemente uma descrença na viabilidade de uma transformação socialista da sociedade, a exemplo da maneira como passou a trabalhar nos anos 1990 o obituário do socialismo realizado por Fukuyama (Anderson, 1992).

E, em 1983, Anderson trocou sua posição de editor da *New Left Review* pela de professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), passando a refletir com mais força o contexto de desenvolvimento do *marxismo norte-americano*, que, como já ponderava em seus balanços históricos, havia se tornado um novo eixo da produção marxista (Blackledge, 2004, p. 147).⁸ Nesta mudança para os Estados Unidos, um dos autores que se tornou ponto de referência para Anderson foi Fredric Jameson, que à época já ocupava uma posição de destaque nos círculos acadêmicos do país ao ter se consagrado como importante crítico literário após a publicação de livros influentes como *Marxismo e Forma* (1971) e *O Inconsciente Político* (1981), e que no momento se

⁸ Como aponta Perry Anderson, se até meados do século XX, seu centro de gravidade se encontrava sobretudo na Europa (na parte central e leste durante o marxismo clássico e na parte ocidental com o processo de stalinização), nos anos 1980 houve um novo deslocamento, dessa vez para o mundo anglófono, sobretudo para as universidades norte-americanas, algo que coincide com a nova hegemonia econômica e militar que os Estados Unidos passam a ter no mundo. Para o autor, a revitalização do marxismo em terras de língua inglesa e o crescimento contínuo da cultura marxista nos Estados Unidos se deu a partir de uma “minúscula base inicial”, imersa num ambiente “que dava pouca margem a conversões ou colapsos coletivos do tipo francês ou italiano”, dando origem um tipo de marxismo “capaz de resistir ao isolamento e à adversidade políticos, e de gerar neles e através deles uma obra cada vez mais sólida e madura” (Anderson, 2004, p. 211-212).

debruçava sobre o tema da pós-modernidade, a grande “moda intelectual” dos anos 1980, tal como expresso nos ensaios *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio* e *Marxismo e pós-modernismo*, ambos publicados na *New Left Review* em 1984 e 1989, respectivamente.

Uma das demonstrações mais evidentes disso é o livro *As origens da pós-modernidade* (1998), a princípio formulado para ser uma introdução à coletânea de textos de Jameson intitulada *A virada cultural* (1998), mas que, devido a sua extensão, tornou-se uma publicação à parte. Neste livro, Anderson realiza um panorama das origens históricas, intelectuais e geográficas do conceito de pós-modernidade (enquanto ideia e fenômeno social), retomando ou revisando a forma como anteriormente havia tratado a noção de modernidade no ensaio *Modernidade e revolução* (1984), em diálogo com a obra de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982). Em sua exposição, Anderson apresenta a intervenção de Jameson como uma das mais bem-sucedidas análises sobre o pós-moderno em termos marxistas – desbancando formas de explicação anteriores, com a de Habermas e Lyotard –, além de representar a culminação ou revigoração do marxismo ocidental – algo que desmentiu, por sua vez, seu próprio veredito anterior de que esta linhagem estava encerrada; para Anderson, ela originava-se agora de uma nova experiência de derrota política, o “sufocamento da agitação dos anos 1960”, e do diálogo crítico com novas correntes não-marxistas (como o pós-estruturalismo, pós-modernismo, desconstrutivismo) (Anderson, 1999, p. 84). Assim, se na época em que ele escreveu pela primeira vez sua tese sobre o marxismo ocidental o autor apostava no renascimento da tradição revolucionária do marxismo a partir dos movimentos de 1968, com a viragem dos anos 1980, Anderson passa a acreditar que a derrota destes movimentos abriu novamente a porta para um renascimento do marxismo ocidental.⁹ Com isso, Anderson se aproxima do marxismo

⁹ Nos anos 1980, Anderson apresenta um balanço crítico dos prognósticos que havia apresentado em *Considerações sobre o marxismo ocidental* (como de que a preocupação em relação ao campo estético e epistemológico cessaria gradualmente e seria substituída por um retorno à análise do concreto, além de sua aposta em uma reunificação da teoria e prática) em *Nas trilhas do materialismo histórico*. Como pondera Anderson, apesar dos estudos econômicos e sobre o Estado de fato terem passado por um processo de renovação, sobretudo na produção intelectual dos marxistas anglo-estadunidenses a partir dos anos 1970, a recuperação dos debates estratégicos e a reconexão do marxismo acadêmico com o movimento de massas ainda seria um tópico de debate controverso. Assim, o que de fato ocorreu foi uma retração do marxismo nos países vinculados a evolução da crise do movimento comunista (como a França, Espanha, Itália, Portugal, Leste Europeu), por questões externas – o fracasso do maoísmo e do Eurocomunismo, que representaram uma dupla decepção ao terem sido considerados por um certo período alternativas viáveis aos dilemas e às heranças stalinistas (algo que logo se provou errôneo,

norte-americano e, especial, da autenticidade de Jameson, que segundo ele, não teria caído na armadilha de desenvolver respostas maniqueístas para compreender o fenômeno do pós-modernismo.

Nos anos 2000, a *New Left Review* foi relançada, com Anderson de volta sob o comando, num contexto completamente diferente daquele que predominava no começo dos anos 1960, quando a revista foi posta em circulação pela primeira vez. Apesar de Anderson manter-se incontestavelmente crítico ao capitalismo, ele já não declarava mais abertamente a possibilidade do socialismo como uma alternativa viável a curto prazo, como deixa explícito em *Renewals* (2000), editorial em que faz um balanço das quatro décadas de existência da revista e apresenta um manifesto sobre qual deveria ser, na sua opinião, os rumos da *New Left Review* nesse novo momento da conjuntura mundial. Anderson argumenta que seria tarefa da revista encarar o sistema dominante com um “realismo intransigente”, apoiando “movimentos locais ou reformas limitadas, sem fingir que eles alteram a natureza do sistema” (Anderson, 2000, p. 10). O diagnóstico que passou a alicerçar este novo programa da revista foi o de que os anos 1990 representaram “a consolidação virtualmente incontestada, e a difusão universal, do neoliberalismo” (Ibidem, p. 6). Assim, apesar dos levantes que emergiram na década de 1990, “nenhuma agência coletiva capaz de se igualar ao poder do capital está ainda no horizonte” (Ibidem, p. 13).

Desde então, a revista tem se consolidado como um meio de divulgação dos principais esforços contemporâneos de renovação do marxismo em termos de crítica ao capitalismo, retomando temas que vão da economia política à globalização, estética, história intelectual, teoria do Estado, etc., além de cobrir seu desenvolvimento em diferentes realidades nacionais (Estados Unidos, Europa, Ásia, América Latina, etc.). Entre os colaboradores que contribuíram regularmente para a *New Left Review* no último período estão: Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein, Robert Brenner, David Harvey, Fredric Jameson, Terry Eagleton, Alex Calinicos, Nancy Fraser, Tariq Ali, Vivek Chibber, Ellen Meiksins Wood, Etienne Balibar, Alain Badiou, Mike Davis, André Gorz, Russell Jacoby, Ernest Laclau, Goran Therborn, Franco Moretti, Erik Olin Wright, Edward Said, Susan Watkins, Slavoj Zizek, etc (New Left Review, 2010).

afetando as perspectivas do socialismo naqueles países) – e internas – a ascendência das ideias e temas do estruturalismo e pós-estruturalismo que desbancaram a posição hegemônica que o marxismo tinha entre os círculos da esquerda, sobretudo na França.

Considerações finais

Após esse breve panorama da trajetória de Anderson é possível destacar algumas considerações preliminares. Primeiramente, nota-se que o autor construiu, ao longo dos anos, um projeto intelectual próprio, composto pelo entrelaçamento de escritos teóricos e trabalho editorial, em seu esforço tanto de crítica quanto de renovação do marxismo no, e a partir do, contexto inglês.

Desde os anos 1960, as intervenções de Anderson dirigiram-se ao contexto teórico e político em que estava inserido, posicionando-se a partir de diálogos e polêmicas travadas com outros autores (como E. P. Thompson, Raymond Williams, a obra dos marxistas ocidentais, Fredric Jameson, etc.), bem como em relação a certos fenômenos e acontecimentos históricos, tais como o surgimento da *New Left* na Inglaterra em meados da década de 1950, a radicalização política aberta por maio de 1968, o declínio destes movimentos nos anos 1980 e a ascensão e consolidação do neoliberalismo nos anos 1990 e 2000, algo que está expresso não apenas em seu trabalho de historiador, como em sua prática editorial, pela qual Anderson consolidou um projeto de renovação do marxismo, tornando a *New Left Review* um ponto de referência para os leitores de língua inglesa interessados na produção marxista.

Com isso, Anderson contribuiu não apenas para uma projeção e legitimação de determinados autores e temas no interior do campo marxista nas últimas décadas, como marcou em grande medida os termos dos esforços de caracterização do marxismo contemporâneo, bem como os balanços e as tentativas e “tipologização” da trajetória histórica desta tradição, haja visto à quantidade de adesões e críticas que giram em torno de sua obra desde que apresentou pela primeira vez sua tese sobre o marxismo ocidental e uma proposta de “coordenadas gerais” do marxismo em *Considerações sobre o marxismo ocidental* (1976).

Apesar das diferentes considerações passíveis de serem feitas aos acertos e limitações da tese de Anderson – seja de que ela carrega as marcas de uma época específica da esquerda europeia, de que ele possui uma noção “estreita” de prática, de que o autor peca em tomar o marxismo ocidental como um conjunto homogêneo, desconsiderando uma análise imanente das ideias de seus autores, ou de que estes não seriam autoconscientes da própria redefinição da relação entre teoria e prática que

estavam operando sob as condições históricas controversas em que viviam –, ela possui um papel central no pensamento de Anderson, bem como ainda desperta interesses e orienta grande parte das interpretações sobre a história do marxismo e suas características hoje. Tentativas (tanto de superação, correção ou continuação) subsequentes à do autor invariavelmente têm partido, cada uma à sua maneira, do esquema teórico original apresentado nesta obra, tal como encontrado, por exemplo, em *Dialectic of Defeat: Contours of Western Marxism* (1981), de Russell Jacoby; *Marxism and Totality* (1984), de Martin Jay; *Dialética da modernidade: A Teoria Crítica e o Legado do Marxismo do Século XX* (1995) e *Do marxismo ao pós-marxismo* (2008), de Goran Therborn; *Critical Companion to Contemporary Marxism* (2007), organizado por Jacques Bidet e Stathis Kouvelakis; *The Left Hemisphere: Mapping Critical Theory Today* (2010), de Razmig Keucheyan.

Ao mesmo tempo em que o marxismo ocidental é um conceito-chave em sua obra – responsável por articular suas avaliações sobre o desenvolvimento histórico do marxismo em sua tentativa de mapear, tipografar e atuar sobre esta tradição – é nítido o quanto Anderson guarda uma relação contraditória com ele ao longo de sua trajetória, ora se aproximando, ora se afastando de seu legado. Isso fica bastante claro com a viragem ou inflexão de sua obra nos anos 1980. Apesar do caráter crítico das avaliações que havia apresentado em *Considerações*, é possível dizer que a noção de marxismo ocidental passa a se encaixar no próprio projeto do autor, já que, em razão de alterações da conjuntura e de sua admissão como professor na UCLA, Anderson passou contraditoriamente a cumprir o programa ao qual ele mesmo havia se contraposto, dando à suas intervenções um caráter mais acadêmico (latente na forma e conteúdo de sua produção teórica a partir dos anos 1990) e dissociando seu projeto intelectual de uma prática partidária-revolucionária e de debates estratégicos, com o distanciamento da militância trotskista.

Isso evidencia não só como a relação entre teoria e prática – ponto central de sua caracterização do marxismo e de seu próprio projeto – é contraditória em Anderson, como o quanto sua obra é marcada por uma série de continuidades e discontinuidades, algo que a torna um ponto de vista privilegiado para compreender as próprias configurações que o marxismo contemporâneo passou a assumir no contexto do final do século XX. Assim, além de dar acesso a uma interpretação da realidade social – devido

ao seu incessante diálogo com uma sequência de acontecimentos e momentos específicos da conjuntura a partir dos anos 1960 – é possível dizer que a obra de Anderson é ao mesmo tempo um sintoma e vetor de mudanças profundas pelas quais o marxismo passou nas últimas décadas, tendo em vista que ela expressa uma mutação gradual das condicionantes e das condições de existência da tradição marxista, cujo ambiente intelectual e institucional passou a ser centralmente as universidades contemporâneas.

Nesse sentido, é bastante interessante a sugestão proposta por Ellen Wood (1995, pp. 31-35) de que as tendências intelectuais do pensamento crítico a partir da segunda metade do século XX devem ser pensadas não apenas em termos da conjuntura e dos ascensos e declínios do movimento operário e da política tradicional de classe (ou ainda, à uma explicação sobre a formação de intelectuais adaptados ao signo da “derrota” e como eles deixaram de se relacionar com partidos e movimentos, como propõe o esquema de Anderson), mas também de uma sociologia da academia.¹⁰ Isto é, deve levar em conta a própria *intelligentsia* marxista: como esta compreendeu, assimilou e se portou em meio a este processo de mudanças e “derrotas” históricas, e como em grande medida passou a operar, lançando mão de quais instrumentos, a partir de qual lugar, sob qual relação com a prática, etc. E tendo em vista que, no caso do marxismo, cada presente histórico implica numa crítica de si mesmo, tal análise deve passar não só pelo simples exame de trajetória, mas também pelo desenvolvimento interno da obra de cada autor e pelo ambiente de época no qual ela está inserida, na sua própria tentativa de entender essa época, já que a produção teórica não é um objeto “autônomo”, desvinculado de uma práxis, mas um produto das percepções sobre um determinado momento histórico, bem de “autocompreensão”, isto é, de como cada autor enxergou, atuou sobre a realidade e de que forma. A obra de Anderson, assim, o demonstra.

Referências bibliográficas

ANDERSON, P. Sweden: Mr. Crosland's Dreamland I. *New Left Review*, 1:7, 1961a.

¹⁰ Segundo a autora, uma explicação meramente mecânica sobre a formação de gerações de intelectuais adaptados ao signo da “derrota” dificulta o estabelecimento de conexões mais refinadas para entender o recuo das posturas e preocupações que antes caracterizavam a tradição marxista clássica, bem como o surgimento de discursos “pós-marxistas” nos anos 1970-1980 (Wood, 1995, pp. 34-35).

- _____. Sweden: Mr. Crosland's Dreamland II. *New Left Review*, 1:9, 1961b.
- _____. Portugal and the End of Ultra-Colonialism I. *New Left Review*, 1:15, 1962a.
- _____. Portugal and the End of Ultra-Colonialism II. *New Left Review*, 1:16, 1962b.
- _____. Portugal and the End of Ultra-Colonialism III. *New Left Review*, 1:17, 1962c.
- _____. Origins of the Present Crisis. *New Left Review*, 1:23, 1964.
- _____. Socialism and Pseudo-Empiricism. *New Left Review*, 1:35, 1966.
- _____. Components of the National Culture. *New Left Review*, 1:50, 1968.
- _____. The Antinomies of Antonio Gramsci. *New Left Review*, 1:100, 1976.
- _____. *Arguments Within English Marxism*. London: Verso, 1980.
- _____. Modernidade e Revolução. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 4, p. 2-15, [1984] 1986.
- _____. *Passagens da Antigüidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, [1974] 1991.
- _____. *English Questions*. London: Verso, 1992a.
- _____. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992b.
- _____. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, [1998] 1999.
- _____. Renewals. *New Left Review*, 2:1, 2000.
- _____. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, [1974] 2004a.
- _____. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental/Nas Trilhas do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo, [1976/1983], 2004b.
- _____. & BLACKBURN, R. Cuba, free territory of America. *New University* (Oxford), n. 4, 1960, pp. 17-23.
- _____.; SAMUEL, R.; et all. Cuba: the present reality. *New Left Review*, 9, 1961, pp. 12-22.
- BLACKLEDGE, P. *Perry Anderson, Marxism and New Left*. London: Merlin Press, 2004.
- BERMAN, M. *Tudo o que é Sólido se Desmancha no Ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- BIDET, J. & KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008.

- CEVASCO, M. E. “Cultura: um Tópico Britânico do Marxismo Ocidental”. Em: LOUREIRO, I. M. & MUSSE, R. (orgs.). *Capítulos do Marxismo Ocidental*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHUN, L. *The British New Left*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1994.
- HOBSBAWM, E. (org.). *História do marxismo. Vol. 11 – O marxismo hoje (primeira parte)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JACOBY, R. *Dialectic of Defeat: Contours of Western Marxism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- JAMESON, F. *Marxismo e Forma*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- _____. Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism. *New Left Review*, 1:146, jul-aug 1984, pp. 53-92.
- _____. Marxism and Postmodernism. *New Left Review*, 1:176, jul-aug 1989, pp. 31-45.
- _____. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- JAY, M. *Marxism and Totality: The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- KENNY, M. *The First New Left: British Intellectuals after Stalin*. London: Lawrence and Wishart, 1995.
- KEUCHEYAN, R. *The Left Hemisphere: Mapping Critical Theory Today*. London: Verso, 2014.
- LOUREIRO, I. M. & MUSSE, R. (orgs.). *Capítulos do Marxismo Ocidental*. São Paulo: UNESP, 1998.
- MUSSE, R. Um marxismo renovado. *Jornal de Resenhas*, 9 nov. 2002.
- NEW LEFT REVIEW. Editorial. *New Left Review*, 1:20, 1963, p. 1.
- _____. *Index of articles and authors (1960-2010)*. London: New Left Review, 2010.
- THERBORN, G. Dialética da modernidade: A Teoria Crítica e o Legado do Marxismo do Século XX. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 38, n. 2, 1995, pp. 237-275.
- _____. *Do marxismo ao pós-marxismo?*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WOOD, E. M. A chronology of the New Left and its successors, or: who's old fashioned now? *Socialist Register*, v. 31, pp. 22-49, 1995.